Mistério da Água, do Sopro e Luz.

> Evaristo de Miranda<sup>1</sup> Maria Lilia Campelo Rodrigues Pereira<sup>2</sup> Dom Filippo Santoro<sup>3</sup> Maria Clara L. Bingemer<sup>4</sup>

### Prof. Evaristo:

A minha história pessoal não registra nenhuma entrada em seminário, estudo de teologia ou filosofia e qualquer vínculo institucional com a Igreja. A minha fé provém de meus pais e meus avós portugueses. É uma característica dessa família e vem animando a minha vida. A minha relação com a Igreja registra perenes afastamentos, distanciamentos e aproximações em vários momentos. Por mais que eu escape, Deus nunca me deixou

<sup>2</sup> Mestre em Psicologia, PUC/RJ. Pertence à Equipe do Centro Loyola de Fé e Cultura.

<sup>3</sup> Bispo auxiliar da Arquidiocese do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de Teologia da PUC/Rio.

<sup>4</sup> Teóloga. Professora do Departamento de Teologia da PUC/Rio. Diretora do Centro Loyola de Fé e Cultura. Coordenadora do evento.

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Evaristo Eduardo de Miranda é formado em Agronomia em Lyon. Possui mestrado e doutorado em Ecologia pela Univ. de Montpellier. É, atualmente, professor da USP e pesquisador do Núcleo de Monitoramento Ambiental da EMBRAPA. Preside a Organização Não Governamental ECOFORÇA. Autor do livro: "Água, sopro e luz".

sossegado e sempre me animou através de experiências pessoais muito fortes.

"Água, Sopro e Luz" não é o meu primeiro livro, pois tenho outros livros publicados na área científica, mas é o primeiro na área religiosa e espiritual. Ele foi escrito inspirado na alegria proporcionada pelos filhos. Eu sinto como um livro que eu cometi mais do que escrevi. Não sou especialista em teologia e nem psicólogo. Minha experiência é a experiência de um leigo, de um pai, e foi o que tentei colocar aí no livro, essa alegria que eu tenho tido, que é a alegria de batizar meus filhos.

Eu tenho uma filha que aos sete anos, na escola, ouviu a professora declarar que não acreditava em Deus. Para ela foi uma declaração chocante. Então, se levantou e falou: "Sabe por que a senhora não acredita em Deus? Porque a senhora não conhece Deus". Eu fiquei em estado de graça quando ela me contou e passei assim uns três meses, totalmente comovido.

Essas crianças, todas elas e cada uma de um jeito particular, especialmente o Daniel - esse meu último filho, que está com um ano e meio agora e tem síndrome de Down -, foram realmente sinais de Deus em nossas vidas e geraram ocasiões para progredirmos. Por isso estou aqui hoje, vim falar da experiência desse livro...

Queria colocar, em primeiro lugar, que os ritos da Igreja não são gratuitos. não foram inventados só para teatralizar ocasiões. Eles têm um fundamento muito profundo e esse fundamento carece de ser em parte resgatado para que as pessoas possam participar plenamente das celebrações.

No caso do batismo das minhas crianças, eu comecei escrevendo uma carta de duas páginas para quem ia participar: os alunos da USP, esses jovens que estão longe da Igreja e nem sabem o que são essas coisas. Pensei em falar do batismo a partir dos quatro elementos, um rito que trabalha os quatro elementos, que progride do sólido, para o líquido, e depois para o gasoso e por fim para o energético. Outras pessoas também se interessaram, então resolvi acentuar a preparação, o aspecto iniciático do rito do batismo, sem abordar o sentido do segredo, do mistério feminino. O batismo é o rito iniciático do cristianismo.

Eu acabei desenvolvendo. Fiz um texto para acompanhar realmente o rito, explicando cada parte. E foi assim que o livro foi acontecendo...

O rito do batismo é um rito extremamente catequético, ao contrário até de outros ritos da Igreja. Ele tem uma progressão e toca em algumas coisas que são essenciais.

Este rito, em qualquer lugar, bem feito ou mal feito, bem preparado ou não, começa sempre com uma pergunta: "Qual é o nome dessa criança?". O batismo começa com a questão do nome, a questão da identidade, ele toca no arquétipo da pessoa. Nós não falamos em Pai, Filho e Espírito Santo, nós falamos em "nome" do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

O nome pelo qual a criança vai ser evocada ao longo da vida tem a ver com sua vocação e pode chegar além da evocação e da vocação, à convocação, onde Deus além de vocacionar, convoca. Alguns são convocados, o que é uma coisa misteriosa dessa Trindade. Nós somos realmente uma Igreja que trabalha nessa filiação, nessa companhia.

O batismo repete, de várias maneiras, desde o início até o fim, uma ideia fundamental aos pais e à família: essa criança não veio ao mundo para realizar nenhuma esperança de vocês; essa criança não veio ao mundo para pagar nenhuma dívida, ela não deve nada a ninguém, nem a vocês. Ela não veio ao mundo para entrar pela porta da mãe ou do pai, ela veio ao mundo para ter vida plena...

No início do rito, como é feito em grande parte das paróquias, o casal aguarda fora da igreja, os convidados dentro e a criança recebe o sinal da cruz; nesse momento já foi tudo feito, de forma resumida. Ela já recebeu tudo que vai receber depois. É a

entrada no mistério. São abertas as portas do que era guardado. Essa criança não veio entrar pela sua porta, ela vai entrar pela dela. Quer dizer, você perde a posse de seu filho, se é que houve alguma posse e ao longo de todo o rito, a Igreja repete assim, verticalmente: "essa criança não lhe pertence". Você faz esse rito da entrega.

O rito do exorcismo também é um rito belíssimo no batismo, mas tem sido atenuado, eu acho que até indevidamente. Pelo menos nos últimos três ou quatro séculos, essa parte do batismo não tem sido importante.

Semana retrasada, eu conversava com uma mãe que me dizia que não reconhecia seu filho. Quer dizer, o que ele estava fazendo, o que ele estava falando, não era próprio dele. Realmente, nesse momento, na sociedade, o processo de alienação chegou a tal ponto que as pessoas ficaram totalmente descaracterizadas e sofrem uma pressão gigantesca para perderem o seu ser, o seu "eu", perderem sua identidade e ficarem realizando projetos dos outros, serem robotizadas, manipuladas.

O exorcismo, hoje em dia preencheria um grande vazio. No exorcismo, a Igreja ordena por um poder que lhe foi dado, pelo Cristo - pois a palavra exorcismo vem do grego ek, "fora" e orkós,

"juramento solene" - que a criança seja arrancada do poder das trevas e conservada na Graça de Deus por toda a vida.

O sacerdote impõe as mãos sobre a criança, arranca do poder das trevas e toma posse. Tem gente que não gosta disso. Eu falei: "pode levar, é seu". Estava entregando mesmo.

A unção dos catecúmenos, no peito, tem significado de luta. Você não veio ao mundo para passar sorrindo, cantando musiquinhas, cheirando flores. A vida vai ser uma luta, um combate até o fim. Você vai ter que ser o atleta do Cristo, daí todo esse significado do óleo.

Tudo isso é riquíssimo. É mais nesse conteúdo que eu tentei viver e vivo o batismo. Tentei colocar essas coisas nesse livro, trazendo a minha experiência pessoal. Repito, não tive nenhuma pretensão em abordar a teologia do batismo, porque sou completamente incompetente nessa área. Tenho experiência de leigo, me aventurei a citar alguns psicólogos, porque achei que eles tinham umas ideias interessantes sobre essas coisas.

Concluindo, podemos citar o aspecto da *Efeta* ("Ábre-te") no batismo, a abertura dos ouvidos e da boca, esse desejo, onde a Igreja diz claramente: que essa criança entre realmente na posse do seu eu, ela que nasceu debaixo e da água, nasça de cima e do sopro,

que ela fale do Espírito, que seja o eu que fale nela e não os projetos dos pais, os projetos da sociedade, a robotização das pessoas, etc.

A Efeta faz entrar na posse do seu eu, mas é um mistério. Essa posse não depende da inteligência ou de dinheiro, é um dom. Um dos grandes ensinamentos da Efeta é saber ouvir. Nós somos da religião que ouve, muito mais do que vê. Com Freud, a psicologia retomou fortemente isso, o quanto você pode ser terapeuta sem ter que mexer, cortar, simplesmente ouvindo e, depois, falando também, mas fazendo o outro retomar a palavra.

Gosto muito desse simbolismo todo que é trabalhado no batismo. Eu acredito que o batismo não é uma terapia, não é um ato teatral, é uma cerimônia, uma celebração, um sacramento da Igreja, onde acontece muita coisa. Acredito que o poder de Deus opera no batismo, nos sacramentos e talvez, em base a isso e graças a isso, pudemos escrever alguma coisa. Quer dizer, bebendo nessa corrente histórica, nessa tradição que é o batismo.

Uma última coisa, estou escrevendo sobre as exéquias e estava profundamente mergulhado no tema, desde o ano passado. No último advento passei mal, me sentia pesado. Agora, desde a quaresma, eu o concluí. No avião, eu vinha lendo e pensei: será que eu mesmo escrevi isso aqui? Fui eu, mas não acredito. Porque na

realidade, como dizia Sta Teresinha, "quando vocês lerem o que eu escrevi, não pensem que eu sou isso; é o que eu desejo ser que está escrito aí".

### Professora Maria Lilia:

Eu preparei algo simples, mas que suscitasse algumas idéias, para que nós pudéssemos conversar. Surpreendi-me pensando sobre esse encontro hoje, surpreendi-me muito identificada com o prof. Evaristo, na medida em que o ponto de partida, para mim, foi a minha experiência pessoal. Eu pensei na forma de abordar esse assunto, como comentaria. Eu me lembrei da minha experiência pessoal, a minha relação com o meu próprio batismo e da minha relação com os meus afilhados, quer dizer, a minha experiência do batismo com os meus afilhados. Descobri, então, nesse momento que o batismo, sendo um sacramento de iniciação, tinha um significado muitíssimo especial para mim. Talvez, de todos os sacramentos, é o que mais me toca pessoalmente.

A consciência do meu próprio batismo, que me foi sempre trazida pelos meus padrinhos, em particular por um padrinho que eu tenho, que foi quem me carregou e era uma criança e, ao longo de todos esses anos, sempre comentou isso comigo com um carinho imenso: "Eu lhe carreguei no seu batismo". E nós temos uma ligação muito forte e eu me sinto de certa forma homenageando-o nesse

momento. Por outro lado, a minha experiência como madrinha de dois meninos, que hoje já são quase dois homens com quem eu tenho uma relação muito intensa de muito amor, de muita confiança, de muito respeito e que para mim é uma outra experiência muito forte e me sinto assim uma pessoa importante para eles e eles são pessoas muito fortes para mim.

Além da importância do batismo enquanto sacramento, ficou clara para mim a importância do batismo enquanto experiência humana e foi a partir daí que eu comecei a pensar. Creio que sem saber, foi a importância de tudo isso que acabou me trazendo aqui, hoje, para conversar sobre esse assunto.

A leitura do livro do prof. Evaristo e a leitura também do catecismo da Igreja Católica, o Novo Catecismo, suscitaram muitas idéias em mim. O batismo é um sacramento cheio de símbolos, pleno de símbolos. Só esse aspecto dos símbolos seria suficiente para toda uma noite de debates. Acho mesmo que seria suficiente para um curso inteiro e muitidisciplinar. Achei que escaparia ao limite desse trabalho e optei por um outro caminho.

Apresentar alguém para ser batizado, no caso de uma criança, apresentar-se a si mesmo para ser batizado, no caso do adulto, é reconhecer a existência de uma comunidade. É reconhecer

que a fé da Igreja é anterior à fé do indivíduo e isso tudo tem um sentido psicológico, e foi por esse caminho que eu segui.

Como podemos ler no evangelho de Mateus, no capítulo 3, o batismo por João Batista marcou a separação entre a vida oculta e a vida pública de Cristo. Nessa ocasião há a revelação de que Jesus é o Filho bem amado do Pai. Esse aspecto da separação é o aspecto que eu gostaria de comentar aqui, hoje, para que nós pudéssemos trocar um pouco de idéias. Algumas leituras conduziram meu pensamento. Quanto à liturgia, há a afirmação de que os atos litúrgicos não são atos privados, mas são celebrações da Igreja, da comunidade. Quanto à fé, há a realidade de que a fé da Igreja é anterior à fé do indivíduo, que o indivíduo é convidado a ela aderir, o que também tem seu significado. Do ponto de vista psicológico, está implícito aí o reconhecimento de uma comunidade anterior ao indivíduo, portanto uma aceitação dos limites da existência individual. Mais ainda, ao tornar-se membro da Igreja, o batizado, nas palavras de São Paulo, na Primeira Epístola dos Coríntos, não pertence mais a si mesmo. Esse é um assunto que me interessou muito. Não pertencer mais a si mesmo, quer dizer, pensando enquanto psicóloga, não pertencer mais a si mesmo é sair de um estado de narcisismo. Narcisismo em que a pessoa é o seu próprio ideal, o seu corpo, as suas sensações. Esse estado narcísico de que falamos, no entanto, é um estágio inicial da vida psíquica do homem,

etapa do desenvolvimento de todos nós, momento inicial da vida em que não somos ainda capazes de registrar, se não as nossas próprias sensações. É o que se passa com os bebês. Sair do estado de narcisismo significa reconhecer os seus limites, a existência do outro, da comunidade, da cultura. No início da vida, através dos pais e da família, para que o homem se desenvolva é preciso fazer essa caminhada, é necessário que o narcisismo seja superado.

Em psicanálise, na teoria de Freud, existe um conceito que esclarece essa questão, ajuda a pensar essa questão. É um conceito que se situa no momento em que Freud formulava a sua segunda teoria sobre psiquismo, depois reformulada, mas que uma psicanalista francesa, Janine Smirgel, retomou recentemente, o conceito de ideal do ego que é o resultante da convergência do narcisismo e das identificações com os pais, seus substitutos, e os ideais coletivos. O conceito de ideal do ego é um verdadeiro articulador, no dizer da Smirgel, entre o narcisismo absoluto e a objetividade, pois seu aparecimento se dá na separação entre o ego e o objeto, ou seja, no reconhecimento da alteridade.

Em termos psicológicos, o ideal do ego implica em projeto e também em esperança que, por sua vez, ainda dentro dessa visão da Smirgel, supõe adiamento, desvio das realizações, das pulsões, dos desejos e também supõe temporalidade. Todas essas são

características de um funcionamento mental desenvolvido segundo o princípio da realidade, isto é, um funcionamento mental que ultrapassou o narcisismo, procura conviver com a realidade e as limitações. A vida mental, no entanto, é dinâmica e os processos psíquicos coexistem. Muitas vezes, os indivíduos não suportam as limitações e recorrem a um caminho que lhes parece mais fácil, o do narcisismo. É o que vemos muitas vezes no que chamamos hoje a cultura do narcisismo. Esse assunto me interessa muito - em particular, essa questão da cultura do narcisismo -. É o que nós vemos muitas vezes hoje, quando as pessoas recorrem às drogas para manter esse estado narcísico de busca de sensações.

Todas essas questões se apresentaram para mim e o ponto que me sensibilizou em particular nesse tema todo do batismo foi a questão do "apresentar-se para o batismo". Eu achei que essa era uma questão que tinha um significado psicológico muito grande na medida em que é um sacramento de iniciação, como o prof. Evaristo realçou, quer dizer, a questão iniciática e todo um universo de significado psicológico que isso contém. Apresentar-se para o batismo significa ter ideais, reconhecer ideais, significa, tomando uma linguagem, por exemplo, dentro da escola francesa, uma linguagem de Lacan que tem uma observação muito linda. O Lacan coloca expressamente a questão do desenvolvimento do indivíduo em termos da passagem de um psiquismo que funciona em termos do

imaginário, ou seja, uma coisa voltada para si mesmo, para a introdução do simbólico. E ele tem uma expressão que para nós é carregada de significado. Fale do simbólico usando essa expressão: "o nome do Pai".

Apresentar-se para o batismo, para os adultos, é a confirmação e o reforço desse caminho do desenvolvimento, do reconhecimento dos limites da finitude e o reconhecimento da alteridade e da aceitação. Evidentemente aí está implícita a questão do amor, do relacionamento e da escolha do caminho, não do narcisismo, não de se centrar em si mesmo, mas de voltar-se para o outro, a escolha do caminho da alteridade.

Em se tratando de apresentar uma criança para o batismo, significa apresentar a essa criança que está iniciando a sua vida, começando seu processo de desenvolvimento, o caminho que deve seguir. Aí, é através de uma série de experiências, inclusive as marcas corporais, que eu considero que são coisas muito importantes, porque o ego da criança é, antes de mais nada, um ego corporal. É através do seu corpo, das suas sensações que ela experimenta a vida, que ela constitui seu psiquismo. Isso é uma expressão corriqueira entre nós psicólogos, psicanalistas. O ego inicialmente é um ego corporal e todo esse rito do batismo através

dessas marcas no corpo, certamente tem um significado muito importante.

Introduzir a criança é apresentá-la à questão dos limites, à aceitação dos seus limites, introduzi-la no mundo dos ideais, quer dizer, no reconhecimento de que existe uma alteridade e que esse é um caminho para ser trilhado como um caminho do desenvolvimento. Essa foi a questão que me seduziu, que me fez pensar muita coisa e que, enfim, eu trouxe aqui para ser debatida.

#### Dom Filippo Santoro:

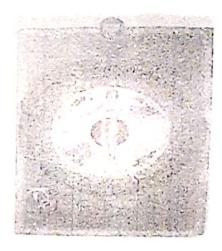
Agradeço o convite a esta ocasião de debater o tema do batismo. Na experiência da vida dos cristãos é como uma redescoberta da origem de tudo, a fonte da qual tudo nasce. Quando chegou às minhas mãos este livro, minha primeira observação foi: "Que livro bonito!". Porque é raro encontrar um livro que desde o ponto de vista da capa, do cuidado com as fotografias, se apresente carregado dessa beleza. A primeira coisa que impacta é a beleza das fotografias antes que do texto. Depois, a pessoa começa a ler os títulos e diz: "Esse diz que é leigo no sentido da matéria da teologia, porém, acertou todos os títulos de um curso sobre o sacramento do

batismo. Diz que é leigo no rito específico da iniciação, mas indica todos os passos".



A coisa mais interessante é que esses passos são manifestados através do símbolo, das fotografias e das didascálias, antes que do próprio conteúdo. Só para mencionar alguns exemplos:

A primeira fotografia que vocês encontram quando o autor escreve sobre o rito iniciático, é uma Sagrada Família<sup>5</sup>, uma fotografia bem rara. E vocês vêem, nessa fotografia, Nossa Senhora que amamenta Jesus e, com a mão, confere a temperatura da água. É bonito somente ver a fotografia, ver o olhar de José, ver este quadro. A fotografia, é de didascália, tem uma riqueza simbólica extraordinária ligada com a preocupação de ver a temperatura da água. Toda a cena está sob o olhar de São José que é como um elemento essencial na composição da fotografia e na escolha do texto.

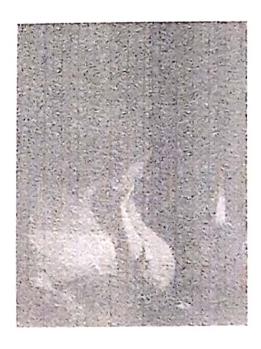


Depois, outras fotos. Não sei como conseguiu Hildegarda de Bingen, o Liber divinorum operum $^{\delta}$ , com os vários elementos, a

A Natividade (Sagrada Familia). L'Age d'or des livres d'heures, J. P. Harthan. Ilustração de "Água, Spro e Luz".

Liber divinorum operum. Hildegarda de Bingen. (Biblioteca governativa di Lucca). Ilustrando "Agua, Sopro e Luz".

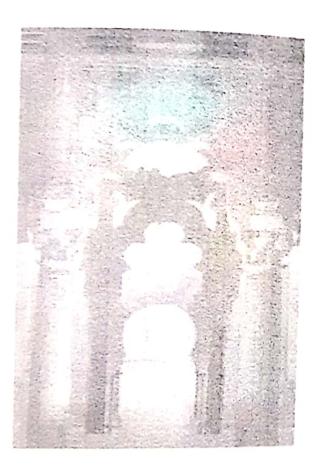
realidade tetramorfa, os quatro elementos constitutivos desde os primórdios da história da filosofia... Como elemento, como se opera numa síntese para o novo nascimento, mas na harmonia com os outros. As citações bíblicas, por exemplo, apropriadas como João 10,10: "Eu vim para que todos tenham a vida e a tenham em abundância".



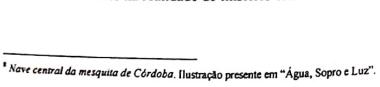
Somente passar através da galeria das fotografias escolhidas com muito cuidado. O silêncio, a foto da Madalena<sup>7</sup>, a limpeza pelo silêncio, este olhar carregado do mistério de uma vida consciente da

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> La Madeleine à la Veilleuse. Georges de La Tour (1593-1652). Ilustrando "Água, Sopro e Luz".

sua fragilidade, mas ao mesmo tempo transformada pelo encontro feito às portas dos mistérios.



Esta é a catedral, a nave central da mesquita catedral de Cordoba<sup>8</sup>, uma mesquita que agora é catedral. Esta valorização dos elementos diferentes na realidade do mistério cristão.

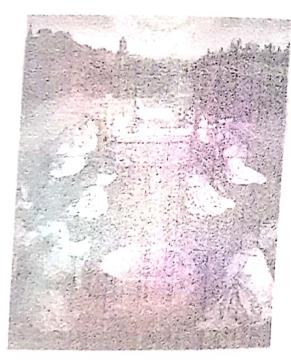




Uma fotografia de André Mantegna, "Quarto dos esposos", os meninos, as crianças com os pais. Passar as fotografias é um gozo espiritual e físico. É uma experiência estética. A unidade da

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Quarto dos esposos. Andrea Mantegna (1431-1506). Palácio Ducal, Mântova.

foto com os textos, a invocação de todos os santos. Acho que um curso sobre o batismo projetando essa fotografia já se sustenta e, sobretudo, como falou o professor no início, comunicando a experiência que isso significa. Porque alguém que não fez a experiência não pode escolher estas coisas. É uma escolha que não é de um técnico, é de uma pessoa que participa, invocando todos os santos, esta sinfonia exaltante.



Depois, o grande, o "Cordeiro Místico" de Van Eik<sup>10</sup>, também aquela fotografia que gostaria que ele tivesse a bondade de

10 Retábulo do Cordeiro Místico. Huber et Jan van Eyck (1390-1400 / 1441). Catedral de Saint-Bayon.

explicar melhor, O "Sopro do Exorcismo", o nu que é de uma pureza extraordinária, a relação da carne, da carnalidade simples, pura como espírito com a fragilidade da existência humana ao mesmo tempo.



Então, o sorriso, o peso dado aos elementos marcantes do sacramento do batismo: a água em primeiro lugar, o óleo, a "Unção

da Alegria"<sup>11</sup>, o sal, todos os elementos, o branco, a veste branca, "A Primavera" de Boticcelli, enfim são reproduções feitas para colocações bem feitas. Sente-se o cuidado. Porque pode ser uma grande obra, mas se a reprodução é mal feita perde todo o fascínio, o atrativo e o mistério da luz. Cegos serem iluminados. A efeta<sup>12</sup>, a boca e os ouvidos abertos. Só passando as fotografias temos o tema do batismo, teologicamente correto e esteticamente fascinante.



Il Illustrando o capitulo "Unção Na Alegria", uma foto do Pórtico da Glória. Entrada da Catedral de Santiago de Compostela.

Illustrando o capítulo "Efeta: Boca e Ouvidos Abertos", O Anjo com São Pedro na prisão.
Hendrick Ter Brugghen (1588-1629).

O que eu quero dizer é que esta unidade entre a imagem e a palavra é o elemento chave de todos os sacramentos. O conceito fundamental, sobre o qual se articula a teologia do sacramento, é que um mistério invisível se mostra através do visível. Não existe o invisível puro no cristianismo, na tradição hebraico-cristã. Não existe o invisível puro, mistério alcançado com a força do pensamento. Existe o invisível que se torna visível, o misterioso que se torna carnal, que se torna sensível. Aqui é toda a teologia, a maneira pela qual Deus se comunica aos homens que é através de uma realidade humana, através dos símbolos cósmicos, através dos símbolos históricos e através dos símbolos sacramentais onde a palavra "símbolo" indica, de fato, a conexão, a coisa que envia a uma outra coisa, um significante que envia um significado. O significado já está no significante. Esta é a diferença entre sinal e símbolo. Sinal é a bandeira do Brasil, a bandeira da Itália, a bandeira do Flamengo. Entre o pano e a realidade não existe continuidade, existe uma união puramente lógica cognoscitiva, enquanto que um símbolo, um beijo por exemplo, já tem em si a realidade do amor que se quer comunicar, é, então, esta forma rica do simbólico, do simbólico natural que vem utilizado no simbólico cristão. Portanto, essa utilização da água, bem colocada em evidência, esta utilização do óleo, esta utilização do sal, esta utilização da luz, esta utilização dos pais, porque se coloca dentro de uma história, indica exatamente o fato que aqui estamos diante de uma comunicação sensível e humana do mistério. O mistério que se toca, o mistério que se vê, o mistério que não é para os intelectuais, o mistério que é para os homens, como dizia Péguy, "para os pobres homens carnais". Esta é uma coisa extremamente ansiada, que um texto de fato indique todos os elementos presentes na descrição deste itinerário da iniciação. Então, temos uma visão sacramental perfeita. Visão sacramental significa palavra e gesto unidos, o visível e o invisível que se juntam, são elementos que se percebem.  $P_{OSSO}$ perceber o fascínio do totalmente outro somente quando encontro um rosto que me comunica esta presença. Isso aconteceu com o Verbo Encarnado. Isso acontece com os apóstolos. Isso acontece com os sacramentos que se celebram na Igreja com continuidade hoje da humanidade do Senhor através dos sacros, sagrados sinais. O batismo é exatamente "essa forma visível da graça invisível", para citar a frase clássica do Concílio de Trento. Se coisas que parecem áridas são vivíssimas, com um conteúdo riquíssimo, esta é uma primeira coisa, mas o interessante é que a comunicação sacramental venha num impacto com o texto. Utilizando o texto, lendo, vendo as imagens, as didascálias e a biografia do autor que entra, se manifesta esta estrutura sacramental da nossa salvação. Uma salvação que é dada através do visível, do humano, do tangível e fruto de uma experiência. Esta é a primeira coisa que vai em evidência.

A segunda coisa é o próprio itinerário de iniciação, o conceito de iniciação. Como é decisivo! O autor coloca a pergunta: como iniciar alguém na descoberta do seu "eu", do seu verdadeiro rosto, de si mesmo. É esta a imagem. Normalmente seria óbvio que uma pessoa amasse o seu "eu", o seu "eu" verdadeiro, mas esse amor ao seu "eu" verdadeiro normalmente não existe. Existe na forma do egoísmo, que é outra coisa, é amar a sua imagem imediata, o seu interesse particular. O "eu" verdadeiro é o nosso "eu" na cultura e no contexto no qual nós estamos. É algo que, normalmente, não significa nada. É normalmente fragmentado, pulverizado. É o exemplo do colega que fala de tantas coisas, mas ele está prestando a sua boca a quem? A uma outra realidade que são os programas que ele escuta, a situação na qual ele está. É exatamente como ser alguém que presta um serviço e, de fato, vive uma situação alienada.

Se nós perguntamos: qual é a consistência do teu "eu"? O que é o teu "eu"? É como uma imagem sem sentido, tanto que se faz essa pergunta. Então, permanece uma neblina exatamente sobre os verdadeiros traços que definem uma pessoa. A iniciação da pessoa, o rito de iniciação é exatamente este caminho de descoberta do próprio "eu". As crianças, como o texto nos indica, são aquelas que de um lado são iniciadas pela fé da Igreja, pela experiência dos pais, mas do outro lado, eles nos ensinam o verdadeiro "pertencer". Se a uma criança, nós perguntamos, estando com seus pais, "quem é você?", a

criança se achega mais ao seu pai e sua mãe. "Eu sou essa relação. Sou este pertencer. Eu não sou sozinho. Eu pertenço a essas pessoas. A minha identidade é este pertencer."

E como é diferente isso, do ideal que uma certa cultura apresenta que o máximo do ideal é não ter laços com ninguém, é ser solto de qualquer relação. Então, o amor é como uma escravidão. De fato, porque se eu sou sozinho - o contrário do ideal que a professora dizia -, eu sou sozinho e quando eu sou meu, mais eu sou ninguém. Quanto mais eu pertenço a algo grande, a algo infinito, mais eu sou alguém, mais o meu pertencer torna o meu rosto cheio de verdade. cheio de beleza. O itinerário do pertencer, o itinerário que oferece, de fato, um rosto consistente à pessoa, está em não se pertencer. Esta observação já feita pelos dois, pelo prof. Evaristo e pela prof. Maria Lilia. O professor Evaristo, quando fala dos filhos, afirma: "Os filhos não te pertencem, te são dados". E a professora diz: "A fé da igreja precede a fé individual". São duas coisas paralelas. Significam exatamente que o sacramento do batismo introduz a pessoa dentro de uma história que é maior do que seu individualismo restrito. Introduz os pais e os filhos dentro de um caminho maior que os pais e os filhos. É como o horizonte que abraça uns e outros. É o horizonte do mistério, do sentido da realidade, do ideal concreto, do ideal que faz todas as coisas.

Então, os pais entregam, como a Virgem que entregou seu filho no Templo, e dizem: "Este pertence ao mistério. Pertencem a um outro". Só pertencendo ao outro, ele se realiza porque se quero que faça o que eu digo, o que eu programei por ele, o que eu apresentei para ele, é como perder. E, de fato, se perde no afă de se abraçar, de se segurar ou de garantir todos os acontecimentos dos filhos. Se perde porque é uma realidade que pertence a um mistério maior, pertence a um mistério vivo que faz todas as coisas e, do outro lado, este outro aspecto, a posse verdadeira do "eu" acontece quando ele pertence a um outro. A posse verdadeira é dada no momento da pertença. A posse verdadeira está ligada à doação. Posse é a consequência da doação. Possui-se no momento no qual se doa. Cristo é o Senhor no momento em que se entrega totalmente. então possui a realidade, é o Senhor das coisas.

Na nossa cultura, separa-se a doação da posse. Tenta-se viver a posse sem doação e lá se complicam as coisas. Enquanto que essa oferta dos pais indica exatamente o momento no qual a pessoa é dada, é oferecida, exatamente porque ela percorre o seu caminho, diante do mistério e diante da história, diante dos aspectos concretos da vida.

O texto e as observações anteriores indicam uma coisa evidentíssima: a primazia da graça. Em tudo isso se vê como é

impossível o evangelho de hoje, com Nicodemos: "Eu sou velho como é que eu posso meu amigo?". É isso mesmo. Se você não renasce pela água e pelo Espírito, não dá, não pode. Você, que é mestre em Israel, olha o vento, você sabe de onde vem? Não sabe. Sabe para onde vai? Não sabe. Pode negar a sua existência? Não. Do mistério, nós temos a experiência da graça. Nós temos a experiência, ainda que não a dominemos. Graças a Deus que não a dominamos. Ela é assim, livre, soberana, grande. O texto indica essa soberana obra da graça de Deus que se serve de instrumentos concretos, se serve dos pais, se serve da água, do óleo, do sal, se serve da luz. Isto é interessante. É a soberana ação da graça que utiliza os aspectos mais simples e mais concretos. Portanto essa discussão sobre a época do batismo não tem sentido. Quando elas começaram a viver, os primeiros passos foram acompanhados. Assim deve ser na vida espiritual. É claro que a Igreja diz que se não existe uma pessoa que tenha fé, o batismo não pode ser administrado, porque é sempre da fé viva que se apreende. A função dos pais, padrinhos e madrinhas é importantíssima, porém é como o veículo de uma força, irrupção de amor muito mais consistente do que o que podemos pensar e imaginar. É como a fé da Igreja que se comunica e que, portanto, age através de instrumentos concretos, através de uma experiência concreta, que é a experiência dos pais e a experiência dos sacramentos.

Aqui entra outro conceito que é um conceito teológico técnico, que o professor talvez nem soubesse, que se chama o "ex opere operato". No sentido literal, quer dizer, o batismo funciona pela obra realizada. Significa que não depende do estado do padre, se naquele dia está em estado de graça, está levitando ou está meio cansado, se já celebrou quatro missas e agora, no final da quarta missa, quarenta batismos. Se ele está vibrante, então sai uma coisa bonita. Se ele está meio cansado, então não sai. Ex opere significa que é o próprio Senhor que com toda irrupção do seu amor está naquele gesto simples, essencial. É claro que isto não significa que a coisa não deve ser preparada, um caminho, um itinerário humano, mas, o poder de fazer nascer os filhos de Deus, nasce só dessa presença da graça do Senhor. É a irrupção da graça de Cristo através dos sinais concretos. Ninguém pode fazer. Ninguém pode produzir a eucaristia. Ninguém pode perdoar os pecados. Ninguém pode administrar o batismo a não ser o próprio filho de Deus, presente na história.

O outro ponto que queria indicar é o conceito do mistério. Este conceito do mistério é como a possibilidade que a pessoa tem de ser educada para perceber todas as dimensões da realidade, educada para perceber que a realidade não é só aquilo que ela vê, que ela toca, que ela mede. Este critério científico que é totalizante, é verdadeiro no seu campo. A realidade é muito mais. Ela é muito

mais profunda do que aquilo que imediatamente se pode medir, calcular, ou concentrar em alguma coisa. A realidade tem uma dimensão profundíssima. Realidade é mistério, dizia Delio Bacca no Concílio, comentando a Igreja. A realidade sensível é a porta que me introduz a uma dimensão mais verdadeira, a dimensão do mistério, onde o coração do homem encontra aquilo que lhe corresponde de verdade. É isso que eu quero, aquilo que, de verdade, me corresponde.

"Hoje quero estar na tua casa". Nos encontros evangélicos, quando Zaqueu, um ladrão, chefão da máfia de Jericó, chefão dos cobradores e não cobrador simples, o mais distante de uma

disposição natural de salvação, encontra o Senhor que diz: "Hoje quero estar na tua casa". Percebe o mistério naquele homem cheio de alegria e o acolhe. Sente que a realidade não é o seu dinheiro, é uma coisa muito maior.

A razão humana natural é isso. A razão humana natural não pára diante do desconhecido. Sempre quer ir adiante do desconhecido, do mistério. Esta é a verdade da razão, não é uma razão medida. É uma razão janela sobre a realidade. Quer ir além. Adiante do encontro com o Verbo Encarnado se percebe a realidade verdadeira que é o coração e o que a pessoa deseja.

No batismo, se exalta isso, exatamente. Estes filhos são dos pais, mas mais ainda são de Deus. Esta realidade, esta vida, esta história, esta comunidade dos fiéis é mais, é exatamente a realidade de uma grandeza infinitamente maior. Através desta realidade histórica se abre uma realidade muito mais profunda, a realidade do mistério, da presença do Verbo Encarnado como o princípio que redime e que transforma a realidade toda. O conceito de mistério como aquilo que desvela as dimensões mais ocultas, mais profundas, mais verdadeiras das coisas. A criança pertence a esta profundidade. A criança pertence a Cristo, o "Alfa e o Ômega" da realidade, através do pertencer a uma comunidade concreta. Este é outro aspecto importantissimo. O pertencer da pessoa a uma comunidade concreta. O pertencer a esse mistério que é profundissimo, mas que tem um rosto, que se identifica na realidade. Não é uma coisa impalpável. Este mistério tem um rosto, tem um nome que é o nome de Cristo.

#### Pergunta do auditório:

O que o nome Daniel significa para você: filho ou profeta ?

#### Prof. Evaristo:

O Daniel nasceu de um parto normal e eu estive ao lado da minha esposa. Quando ela desceu para o quarto, eu a acompanhei. Logo depois, o médico me chamou e eu pensei: "Ele já vai querer

que eu o pague. É um ótimo médico, mas cobra, já deve estar querendo cobrar". Aí ele falou: "Parece que seu filho nasceu com um pequeno problema". Ele achava que o Daniel podia ter síndrome de Down. Na época, eu pensava que sabia o que isso poderia dizer e foi um choque muito grande. Fiquei esperando o geneticista e depois eu fui para o quarto. Daniel vinha para a primeira mamada, tive que contar para a minha esposa e para a mãe dela que estava lá. Todos nós começamos a chorar. Parecia um funeral. Os quartos das outras mães estavam enfeitados, e ali estávamos recebendo aquela notícia terrível. Daniel chegou para a mamada e nós tivemos a impressão de que ele nos dizia: "Que desgraça que eu vim trazer aqui hoje. Que péssima notícia que eu sou". E nós o pegamos nos braços e a primeira coisa que falamos foi que ele era muito bem vindo e que tinha acertado na família. E só depois é que eu fui perceber que Daniel quer dizer Deus é o meu juiz.

Esse Daniel foi e tem sido para nós uma coisa realmente fantástica. Quando uma mãe falou, logo no segundo dia, que tinha um menino com síndrome de Down, que tinha sido uma loteria na vida dela, eu achei aquilo o maior absurdo. Hoje estou totalmente de acordo com ela.

Daniel era para nascer no final de outubro mas Santa Teresinha o fez nascer no dia de sua festa e tem sido uma inspiração muito grande para nós. Eu já tentei encontrar madrinha para os meus filhos, várias vezes, e nunca consegui, porque Santa Teresinha não abre mão de ser madrinha.

"Diante do mistério dos filhos, cresce a busca do diálogo íntimo com o chamado divino, busca do Outro, de si mesmo".

E. Miranda

Vou retomar um ponto, se me permitirem, que alguém colocou, que é o mistério. O tema é imenso, mas começa com a etimologia grega do myo, que é "manter fechado". A Igreja começa a abrir a porta do mistério justamente no batismo. Acho que tem três profissões que fazem a mesma coisa. São os poetas, os artistas e os padres. De alguma maneira, são pessoas que têm, por missão, revelar para as pessoas que existe uma realidade muito maior, muito mais concreta do que o que elas chamam de realidade, do que acham que é a realidade. Quando você sai de uma peça de teatro, você sente que foi colocado em contato com uma realidade que não tinha como conhecer de uma outra maneira. Aqueles artistas lhe colocaram em contato. Quando você ouve uma sinfonia sente que foi colocado numa outra realidade. Isso também acontece com a Igreja, só que a colocação é na realidade muito maior.

Quando se falou, no princípio, da realidade, eu me lembrei que eu tive uma discussão com um colega meu que é protestante, e ele falava de um pastor da Igreja deles, que foi um homem dedicado a Deus, que abriu várias igrejas na periferia, enfim dedicou a vida à Igreja Pentecostal, um homem de Deus, segundo ele, e que, no fim da vida, sofreu um câncer terrível, dores horrorosas, tremia a cama inteira de dor e inquiria: "Por que Deus?" Ele levou aquela vida e Deus, no fim da vida, quase como um prêmio, o recompensou para morrer daquele jeito. Isso era assunto de debate dele com outro pastor e ele me perguntou como, nós católicos, víamos isso. Eu falei que isso é coisa fácil para um católico responder. Porque se existia uma pergunta que a minha fé jamais me colocaria, era essa, a questão do merecimento. A minha fé nunca foi concebida, pensada, numa relação de merecimento. Deus, felizmente, para nós, é de uma magnanimidade infinita. Se Deus fosse justo conosco, nós estaríamos em péssimas situações. É a dívida impagável. Não sobraria ninguém. Deus é bom, é de infinita misericórdia.

Nosso bispo aqui falou no Mantegna. Mantegna é um pintor de uma sensibilidade extraordinária. Esse quadro é realmente sutil, abre o capítulo do lugar dos filhos e, se vocês olharem, verão as crianças numa festa de adultos. Elas não sabem muito se situar, então aproximam-se dos pais. Tem um pai que, delicadamente, com a mão, puxa um pouquinho para si e o outro dá a mão. É a questão

da localização da criança que se faz com sussurros, pequenos toques, etc. Mas, com o Mantegna aconteceu uma coisa que aconteceu com muitos pintores. Eles iam retratar o menino Jesus e procuravam, como inspiração, uma criança linda que fosse o tipo do filho de Deus e pintavam o menino Jesus ou um anjo inspirados naquela criança. Depois de uns anos, vinte anos, aquela criança virava um assassino, um criminoso, pessoa da pior espécie e isso era um problema. Então, o Mantegna representou muitos anjos com síndrome de Down, fez vários Jesus com síndrome de Down. E não só ele, mas vários pintores Este fato nos mostra o que era a integração dessas pessoas na sociedade dita das trevas. No renascimento, a integração era enorme, tanto que eles passam inclusive muito bem por vários indicadores que temos. Por outro lado, eles são tomados mesmo como o símbolo do amor, porque realmente eles amam como no Éden. Eles te amam simplesmente porque eles te amam. Não é porque você é bonito, inteligente. Eles te amam. Quem convive com essas crianças sabe o que é o amor no Éden.

O convite que é feito no revestir-se de branco no batismo, porque para se revestir você tem que tirar a roupa, voltar à nudez, voltar ao Eden, onde se vivia nu. Como os padres da Igreja falavam, abandonar o triste adorno que era a roupa. Há textos impressionantes que retratam os adultos nus na Páscoa para serem

batizados e ninguém ruborizado diante daquela nudez, imagine, naquela época, século VII, as pessoas nuas. Há textos impressionantes sobre esse retorno. Essa pureza e depois o revestirse do branco que é a cor que reúne todas as possibilidades, mas também o revestir-se do Cristo, pois isso é o batismo.

> "Estes trajados com vestes brancas, quem são?

De onde vieram? Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes! Ele me disse:

Eles vêm da grande tribulação, lavaram suas vestes e as alvejaram, no sangue do Cordeiro".

(Ap 7, 13-14)

O Daniel, para mim, está sendo esse dom. Eu fiz um calendário esse ano pela Loyola sobre os anjos. Alguém me perguntou o porquê e eu falei: "Simplesmente porque eu tenho um em casa". Ali eu coloquei dois anjinhos, um do Mantegna, esse aqui, porque essas crianças serviram de inspiração e de modelo para esses artistas e o Daniel.

Eu vou concluir com uma última coisa do Daniel. Não só o Daniel é um quarto filho que veio tardiamente num casamento onde, num dado momento daquelas crises no casamento, eu e minha ulher tivemos um crescimento fantástico. Ultrapassamos um período e fomos lá pelas nuvens na relação, tanto que decidimos ter mais um filho. Eu achava que não tinha como subir mais no meu casamento, mas o Daniel levou-nos mais para a cima ainda nessa relação.

Outro dia, faleceu uma pessoa muito querida, muito ligada a nós, uma pessoa muito religiosa. A esposa estava desconsolada. Enfim, aquela tragédia, aquele drama que é a morte. Eu tinha que ver essa pessoa e não tinha coragem de ir porque já fazia dois dias que o marido tinha morrido. Tinha estado no enterro, nas exéquias e eu precisava voltar lá, mas não sabia o que fazer. De repente, o Daniel estava ao meu lado e resolvi: vou lá com o Daniel. Peguei o menino e fomos. Ele tinha menos de um ano e, quando eu cheguei, exatamente a cena que eu temia estava acontecendo. Entrei na casa e ela estava chorando de mansinho compulsivamente na cozinha. Eu pensei: agora vamos começar a chorar juntos e vamos ficar aqui. Então, o Daniel foi em sua direção, acariciou o seu rosto e ela começou a brincar com ele. Foram se envolvendo e, enfim, ela ficou duas horas brincando com ele e ele brincando com ela, com a sandália dela, e várias coisas. Ela ainda ficou com ele enquanto eu arrumava algumas coisas no carro. Quando eu ia embora, pensei:

Mistério da Água, do Sopro e Luz Daniel começou seu trabalho externo agora. Começou a operar fora

Esse livro está sendo oferecido ao Daniel e aqui eu pus esse texto do profeta Daniel que eu usei no convite do batismo do meu

"Os sábios brilharão como brilha o firmamento, e os que ensinam a muitos a justiça brilharão como estrelas, sempre e eternamente. E você, Daniel, guarde em segredo esta mensagem..."

#### Pergunta da platéia:

Eu gostaria de conhecer a razão da sua conversão. Porque só depois do Daniel você decidiu batizar... Eu queria conhecer essa sua experiência.

#### Prof. Evaristo:

Eu era da teoria que se precisava primeiro evangelizar para, depois, sacramentar, até nascer o Daniel. Aí, quando nasceu o Daniel, senti que o batismo se impunha para nós, para a família, para a comunidade. Hoje, como foi dito aqui, é claro que evangelizar para depois batizar pode ser uma opção válida se você educar mesmo seus filhos na fé. Mas o que o Dom Filippo colocou, eu também disse no programa de televisão, até brincando, se depois vai

# Prof. Evaristo Ednardo de Miranda et alli

ser católico, não tem a menor importância, tem que batizar. O batismo é fundamental.

Eu dei uma entrevista sobre esse livro na Manchete. Tínhamos tido um briefing longo antes da entrevista, várias perguntas da apresentadora, mas, na hora, gravamos só duas ou três perguntas. Quando eu estava indo para o elevador, a produtora do programa, que eu nem tinha identificado direito, falou que queria fazer mais duas, três perguntas sobre o meu livro. Pois não. Respondi a essas perguntas e ela me falou o que mais de meia dúzia de pessoas que eu não conhecia me haviam falado, a partir desse livro e que é uma das maiores alegrias que ele me deu: "Eu vou batizar meus filhos. Tenho um filho de dois anos e um de cinco, e não vou privar de dá-los essa dádiva". Eu respondi que estava plenamente de acordo com ela, realmente seria uma enorme pena não fazer isso. Ela perguntou-me onde conseguiria fazer um batismo desse jeito. Eu falei: "na sua paróquia, com o pároco da sua paróquia. A não ser que ele não queira fazer, aí a senhora liga, nós damos um jeito. A senhora consegue, isso aqui é o rito".

Agora o que se sacrificou muito hoje, na minha opinião, é notar que a Igreja - com a preocupação, que tem também a sua razão de ser - faz da preparação do batismo muito mais uma oportunidade para trazer os pais de volta ao seu convívio ou à sua freqüência e

acaba às vezes esquecendo o próprio rito, acaba esquecendo de dizer coisas que são essenciais sobre esse rito. Tem um amigo meu que é cristão de origem libanesa, impregnado por aquela tradição de igreja do Líbano, costuma brincar: "Se o pai descuidou, nós batizamos e, quando o pai vê, já está batizado. Não deu nem tempo dele reagir e se batiza." (risos).

Eu queria fazer aqui, talvez antes de outra pergunta, dois comentários sobre o que Maria Lília colocou, que eu achei muito importante, a questão da alteridade. Outro dia eu estava comentando com uma pessoa - eu estou escrevendo sobre as exéquias - sobre o desejo que ocorre frequentemente nas pessoas que estão agonizantes. Não sei se vocês tiveram essa experiência, eu já tive na família, com meu avô, em que a pessoa, um pouco antes de morrer, exprime o desejo de comer um prato, desejo de comer uma macarronada, por exemplo. O estado físico nem permite e a família fica naquela angústia, a pessoa quer comer bife com batata frita. Os condenados à morte também têm direitos a desejos que poderiam ser qualquer um, ir ao cinema, fazer várias coisas, subir na estátua da Liberdade pela última vez, etc., mas pedem para comer um prato e têm um prazer inacreditável pois pediram para comer e foram atendidos. Esse tema do comer, que é um tema vastíssimo, que começa no Gênesis e termina na Eucaristia, tem muito a ver com o que Maria Lília falou porque, na realidade, o "eu", na vida da pessoas, só fala

duas vezes: uma vez ele fala quando a pessoa é um neném e é como o Daniel que até há pouco tempo, quando estava com fome, chorava e falava: "Eu estou com fome". Todos os psicólogos estão de acordo, eles não têm a menor dúvida de que quando o neném chora porque está com fome é o "eu" que está falando, ele não está dizendo isso para agradar ninguém, porque aprendeu na escola, porque o mandaram fazer isso. O "eu" fala plenamente: "Eu estou com fome". E, às vezes, a única outra vez que esse "eu" volta a falar plenamente é quando vai se ver o padre, ou a analista para dizer: "Eu estou com câncer, em fase terminal. Eu vou morrer. Eu estou mal, preciso de ajuda". Aí, também, ele não está dizendo isso para agradar ninguém, não foi para mostrar desempenho. É o "eu" que voltou a falar. Eu andei lendo ultimamente, que, quando na agonia, a pessoa consegue realmente desatar a alma - que aliás esse é o sentido da palavra psicanálise, desatar a alma, psique e analise -, quando consegue deixar de lado tudo que não está destinado a eternidade, tudo que foi ilusão, quando a agonia permite isso é que ela reassume o "eu", aquele primeiro "eu" e fala: "Eu estou com fome e quero comer". E é atendido, espero, independente da opinião dos médicos, que é irrelevante nesse caso. Leve escondido e dê para ela a pizza de não sei o que. Ela retoma, é um sinal...

Também, acho que uma das coisas bonitas no batismo que está em todo o rito e que também tem a ver com dois comentários

que foram feitos aqui, sobre a alteridade e sobre os laços. É que, quem não tem laços, não tem alianças, é incapaz de celebrar aliança. Deus só celebra a sua aliança com seres diferenciados, com seres que se diferenciaram e não com seres que estão fundidos ou que estão confundidos. Uma das coisas que encontramos na Bíblia, do Gêneses ao Apocalipse, repetida, das mais diversas formas, dos mais diversos exemplos, é esse chamado que Deus faz a Abraão e que foi indevidamente traduzido, agora já tem versão correta. Antes era de difició compreensão, até para os tradutores, porque Deus fala: "Deixa tua pátria, deixa teus parentes, deixa tua terra, deixa teus deuses e vai para você". Na Bíblia do Raschid, vai acompanhando todo o Bereschit, "vai para você", vai em direção a você. E, realmente, ele vai, rompendo essa sucessão de envelopes.

Infelizmente, os sociólogos e os economistas seqüestraram essa palavra "desenvolvimento" e, hoje, quando você fala que a criança tem que se desenvolver, desenvolver a sua fé e se desenvolver como pessoa, não se sabe o sentido. Quer dizer o que? É o contrário de envolvimento, des-envolvimento, quer dizer, sair dos envolvimentos, sair da matriz, da mãe, romper esse primeiro envelope. Primogênito, em hebraico, textualmente, quer dizer "rompedor de matriz". O primeiro filho homem é o rompedor de matriz que era exatamente o caso de Jesus. Você rompe com esse envelope, imediatamente você cai no envelope familiar que é

necessário para a identificação, para o crescimento, para o conhecimento dos limites, da lei. Mas depois você também tem que romper com esse envelope, você tem uma sucessão de matrizes a romper, a desenvolver, a diferenciar. Realmente, você tem que passar a espada e cortar sistematicamente esses vínculos, muito ligados ao vínculo da posse. No livro eu conto esse episódio que é tão conhecido, mas que eu acho tão bonito, o de duas prostitutas em que uma, a ligação com o filho era tanta que ela não se separava dele nem para dormir e então o sufocou, matou-o com o próprio corpo. Não se pode falar mais claramente sobre o que é a posse dessa mãe, essa posse necrófila. E a outra, quando Salomão convoca a espada, ela passa a espada no ato, ela passa a espada entre ela e o filho. Ela corta o vínculo que poderia ter, e fala: "eu o amo porque você é seu" e não "eu o amo porque você é meu". É um fio de espada a diferença na relação das pessoas. É um nada, mas é imenso você dizer para alguém: "eu o amo porque você é seu." ou "eu o amo porque você é meu." Então, eu falo: "eu o amo porque você é seu." E passa a espada nessa posse e salva a criança; na realidade, salva tudo ali. É a espada que Jesus convoca. Esse é outro texto dificil, quando ele fala: "Eu não vim trazer a paz, eu vim trazer a espada" (Mt 10,34b). De agora em diante, a sogra e a nora vão estar separadas (cf. Mt 10,35). E oxalá seja assim porque se não o filho casou com a mãe, quer dizer exatamente isso. Se elas são idênticas! Quantos não

procuram isso no casamento, casar com a sua mãe. É um texto belíssimo esse do sinal da espada diferenciadora, da espada que é chamada para cortar, porque só entre seres separados e distintos Deus pode estabelecer sua aliança.

Aliás, a aliança que se coloca no dedo, separa o dedo em dois, por isso, ela significa que uniu dois. É uma coisa paradoxal. É isso que Deus faz quando celebra a aliança com Abraão. Ele corta um anel, o anel feminino do prepúcio e institui a circuncisão. A psicanálise diz que o prepúcio é realmente o feminino porque é nele que o pênis se move.

Essa separação é uma marca permanente. Você tem que buscar sua alteridade, a sua identidade. Deus celebra a aliança com seres distintos, separados e não com seres fundidos ou confundidos. Tanto que uma das belezas desse texto é que Deus muda o nome de Abrão para Abraão, muda também o nome de Sarai e, nem sempre isso é destacado porque Sarai passa a se chamar Sara. Antes o nome dela era "minha princesa", ele a chamava assim, esse homem que se comportou com ela como um proxeneta, entregou-a para o Faraó. Quando Deus muda o nome, ele passa a chamá-la simplesmente de "princesa". Desaparece o minha, desaparece a posse. Aliás, a mesma coisa ocorre depois com Isaac.

# Coordenadora do evento:

Eu passaria agora para uma conclusão

# Professora Maria Lilia:

Eu gostaria de comentar aqui, rapidamente, a observação do Dom Filippo, a respeito do mistério, que a realidade, na verdade, é um mistério e que a criança pertence a essa realidade. Eu penso que uma das coisas muito bonitas dessa experiência da criança ser levada para o batismo, é justamente poder aceitar essa realidade do mistério. Na medida em que a família apresenta a criança para ser batizada tudo isso está presente e, ao mesmo tempo que aceita, apresenta isso à criança para que ela possa também ingressar nessa realidade e crescer dentro disso.

#### Dom Filippo Santoro:

Quando nós falamos de batismo, vem, à nossa mente, a coisa mais elementar. Prof. Evaristo coloca que teve a fé de sete anos, depois deu a volta ao mundo, pensava uma fé racionalista, depois volta até que chega agora e diz: "A certa é aquela que eu tinha recebido aos sete anos." Todo o nosso discurso, é que as crianças são geradas pelos pais, mas pertencem a Deus, por isso cada uma tem sua vocação, tem sua grandeza incomensurável. É exatamente essa unidade entre o nascimento carnal e esta filiação divina que através do santo batismo nós adquirimos e as crianças

adquirem Qual maior dignidade dos pais quando eles são o instrumento para uma nova geração, o instrumento não sozinhos, mas dentro dessa comunidade que é a Igreja, porque sozinhos não conseguiriam. Dentro dessa comunidade que é a Igreja, tornam-se um instrumento para que a criança possa ser filha de Deus. A pessoa é feita para se superar, para se realizar em plenitude.

> ...enqunto estavam à mesa, veio uma mulher, com um frasco de alabastro que continha um óleo perfumado de nardo, puro e muito caro. Ela quebrou o frasco e derramou em sua cabeça. (Mt 14,3)

Outro ponto que é muito bonito e extraordinário no batismo é este tema da unção, a unção da alegria, a unção do Espírito. O tema da unção na teologia está estritamente ligado à questão do caráter indelével. É como algo que não pode ser cancelado da vida. por isso é a fonte da alegria. Uma pessoa, de forma irreversível, pertence a Deus, pertencendo à comunidade. Portanto, é a unção da alegria, que em teologia se diz que é o caráter indelével, porque a pessoa participa do sacerdócio eterno de Cristo que é irreversível. O

caráter, é como um filho, pode fugir de casa, pode ir para onde quiser, não tem jeito, é filho dos seus pais, não pode tirar as características. Portanto, é a unção do Espírito, pelo qual, de forma irreversível, se celebra essa presença do mistério extraordinário na realidade dos pais, da Igreja e dos gestos sacramentais da água, do óleo, da luz, do sal, etc.

## Prof. Evaristo:

Por transmissão de pensamento, Dom Filippo tirou as duas coisas que eu pensava falar para concluir. A primeira era essa idéia da graça, que eu acho que ultrapassa todo o batismo. Nesse livro só tenho um depoimento pessoal e está exatamente onde ele pôs o dedo que é num capítulo que eu lembro o filme "A Festa de Babete", um filme belíssimo. É um evangelho resumido e, no final, o general bate no copinho e faz um discurso à mesa e o discurso é o salmo 85 que ele recita com pequenas mudanças. Um ano e meio antes da campanha da fraternidade, eu tinha aberto esse capítulo com "paz e justiça se abraçam". Ele começa o discurso falando da graça.

Eu, com sete anos, tive um entendimento do que era a graça de Deus, me lembro perfeitamente, mas depois eu estudei, participei, militei, fui mudando a minha concepção da graça, entrei em contato com várias filosofias, morei no exterior e sempre fui evoluindo a visão que eu tinha da graça de Deus. Casei, voltei para o Brasil, tive

Mistério da Água, do Sopto e Luz filhos e sempre evoluindo e, hoje, realmente eu chego a conclusão que a graça de Deus é exatamente o que eu tinha entendido quando eu tinha sete anos, exatamente isso. Quer dizer, eu dei uma volta

Pensando na unção na alegria, podemos fazer uma reflexão sobre episcopado, porque é ali, de uma maneira muito especial, que o bispo está presente. Outro dia, explicando para os meus filhos, eu falei: "Nós somos cristãos. Que quer dizer isso? Isso quer dizer, textualmente, que nós somos os ungidos. 'Cristo' quer dizer isso, o ungido, que foi colocado à parte, para uma missão. Eu sou cristão, então eu sou ungido". Quando se é ungido, participa-se do sacerdócio, do reino, da profecia, enfim, de todas as dimensões da ordem de Melquisedeq. Sobretudo, essa unção, num episódio tão feminino, tão bonito, da mulher que rompe o frasco de alabastro e perfuma o Senhor. Nós somos chamados a assumir essa atitude, romper o nosso frasco de alabastro e deixar sair esse perfume. Eu concluiria aqui, se vocês me permitem, lendo a frase final do livro. Eu estava procurando um resumo para a experiência de escrever esse livro e acabei achando. Por isso é até um post factum que entrou depois da conclusão. É uma frase que está no Catecismo da Igreja Católica, na parte consagrada ao batismo, uma frase de São Gregório de Nazianzo:

"O batismo é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus (...). Chamamo-lo de dom, graça,

> iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo

e tudo que existe de mais precioso. Dom, porque é conferido àqueles que nada trazem; graça, porque é dada até aos culpados; batismo, porque o pecado é sepultado na água; unção, porque é sagrado e régio (tais são os que são ungidos); iluminação, porque é luz resplandecente; veste porque cobre a nossa vergonha; banho, porque lava; selo, porque nos guarda

e é o sinal do senhorio de Deus".